

UM MÊS COM O HOTXUÁ ISMAEL AHPRAC KRAHÔ

Demian Reis¹

RESUMO: Trata-se do perfil de vida e trabalho de Ismael Ahprac, da etnia Krahô, residente da aldeia Manoel Alves, município de Itacajá, Tocantins, a partir de visita em abril e maio de 2011. Entre diversas funções, papéis e atribuições que cumpre estão o de líder do conselho da aldeia, diretor de ritos, chefe de família, roceiro, caçador e artesão, herdou também as prerrogativas de hotxuá, que, entre os Krahôs, é o responsável pelo riso e o desempenho de papéis cômicos, entre outras designações rituais. Reconhecemos nesta figura, em situação de apresentação cênica, o comportamento equivalente ao nosso palhaço, cuja principal técnica é se colocar como alvo do riso de suas plateias.

Palavras-chave: Palhaço. Krahô. Hotxuá.

RESUME: Il s'agit du profil de vie et de l'œuvre d'Ismaël Ahprac, de l'ethnie Krahô, qui habite le village Manoel Alves, dans la municipalité de Itacajá, Tocantins, À partir d'une visite en avril et mai 2011. Parmi les diverses fonctions, rôles et responsabilités de chef du conseil du village, directeur de rites, chef de ménage, agriculteur, chasseur et artisan, il a également hérité des prérogatives des hotxuá, qui parmi les Krahô est responsable du rire et des rôles de comédie rituels. Nous reconnaissons dans cette figure, dans des situations de présentation scénique, le comportement équivalent de notre clown, dont la principale technique consiste à se mettre comme cible de rire de leurs audiences.

Mots clés: Clown. Krahô. Hotchuá.

Mas quem é Ismael Ahprac Krahô?

Para responder a esta pergunta com consistência etnológica teria que acrescentar que esta pessoa chamada Ismael Ahprac Krahô também é Ahprac Ahkôhket Hôkwacaprêc Hôrcuxy, mas não necessariamente nesta ordem. Os indivíduos Krahôs vivem uma duplicidade nominal, um nome que os identifica no mundo dos brancos e outro recebido via herança do seu próprio mundo étnico. Ou seja, poderíamos dizer que os indivíduos Krahôs hoje convivem com um nome civil e outro étnico. O primeiro nome que descrevi é o nome registrado em sua carteira de identidade, de modo que é o nome que define a sua identidade social em relação à sociedade branca, ou, como eles falam, o mundo dos cupen. Embora na sua carteira esteja escrito Ahpracti, ninguém o chama com a terminação ti. Segundo Magayve, seu neto, que é professor de português na aldeia, a terminação ti é aumentativa, correspondendo ao nosso *ão*. De modo que escolhi usar aqui o nome pelo qual o chamam: Ahprac. Podemos considerar que o nome "Ismael" lhe foi dado por um cupen (civilizado), pois cada indivíduo Krahô, além do seu nome indígena, adota um nome pessoal de um "civilizado", embora não existam regras precisas que definam a transmissão desses nomes. Trata-se, na maioria das vezes, de um prenome como Secundo, Juarez, Samuel, Ismael, Alex, André, Marcelo, Marciana, Marcia, Milena ou nomes compostos como Maria Rosa, Pedro Pereira etc. Mas aqui vou revelar uma certa rebeldia

¹ Palhaço, historiador, doutor em Artes Cênicas pela UFBA, pós-doutorando, bolsista do CNPq.



Hotxuá Ismael Ahprak Krahô, sua esposa Maria Rosa Amxôkwj e netos. Local: Aldeia Manoel Alves, Itacajá, Tocantins. Ano : 2011. Foto: Demian Reis

indicadora de uma reação de autonomia de Ahprac na constituição do seu nome civil.

Ahprac confessou-me que recebeu o nome “Misael” do seu padrinho branco chamado Adão, mas como não gostou, achava feio, na hora de registrar o seu nome deu “Ismael”, pois achava que soava melhor. O que resultou que Ahprac pode ser considerado parcialmente autor do seu nome *cupen*, pois alterou seu nome criando outro. Porém, é preciso perceber a sutileza desta mudança. Ahprac não simplesmente inventou ou pegou um nome completamente alheio, como Marcelo ou João. Não escolheu do nada. Ahprac teve como referência “Misael”, o nome dado pelo seu padrinho, usou as mesmas letras, e por meio de um deslocamento de consoantes, trocou o “s” e o “m” de lugar. O conjunto de letras ainda pode ser considerado o mesmo dado por Adão, mas a sua qualidade fonética e semântica foi rearranjada pelo próprio Ahprac, que, com esta ação, participou da definição do seu

nome *cupen*. Será que com esta mudança cautelosa Ahprac estava solucionando seu desejo de negar o nome, ser criador de sua própria identidade, mas ao mesmo tempo se prevenir de qualquer retaliação ou mágoa que seu padrinho branco pudesse manifestar?

Por outro lado, a lógica de nomenclatura Krahô não permite que a pessoa indicada pelos pais para batizar ofereça outro nome além do seu próprio. Ou seja, ao indicar o tio ou a tia, ou outro parente próximo, os pais já estão definindo o nome, pois no âmbito da nomenclatura Krahô, você só transmite aquilo que você possui. Por isso, apesar do nome ser em geral de um tio ou tia, o fato de escolher que tia e que tio, é uma escolha decidida, em geral, pelos genitores. Os pais das crianças não transmitem seus nomes, mas, ao decidirem quem os dará, já estão definindo quais serão esses nomes. A escala de escolha limita-se a membros, parentes consanguíneos, de modo que a liberdade de nomenclatura é



relativa, pois é restringida a um âmbito étnico bem delimitado. Podemos conjecturar que a rejeição ao nome “Misael” também tenha sido influenciada pela lógica de nomeação Krahô. Se o padrinho cupen de Ahprac, o Adão, desejava lhe dar um nome, deveria dar o seu nome e não outro. Então, Ahprac deveria ter recebido o nome Adão e não “Misael”. A reação de Ahprac a este nome também pode ter vindo deste choque de valores, um desencontro de expectativas. De fato, um dos filhos de Ahprac tem o nome civil João Lucas, e isto porque foi batizado por um pastor que mora há 18 anos entre os Krahôs e que se chama João Lucas. O próprio cacique da aldeia, na ocasião da minha visita, possui o nome civil Dodani, recebendo o de outro pastor, chamado também Dodani, que hoje tem 99 anos e também consegui entrevistar. O pastor Dodani é reconhecido como uma das pessoas que denunciaram o massacre de índios Krahôs, ocorrido na década de 1940, agenciado por fazendeiros que viviam disputando a posse das terras indígenas, e que resultou na subsequente intervenção do Governo Federal na delimitação definitiva de suas terras.

Durante minha convivência com Ahprac, na aldeia Manoel Alves, nunca vi um mehin (índio) referir-se a ele pelo nome Ismael, a não ser em raras ocasiões, que envolviam a minha pessoa. Recordo-me, por exemplo, de sua esposa, Maria Rosa Amxôkwjy Krahô, referir-se a Ismael, ao falar comigo, uma vez em que me perdi dele, em uma das nossas incursões para pegar lenha, e retornei sozinho para a aldeia. Ela se dirigiu a mim e disse: Ismael saiu caçando você. É compreensível referir-se a ele como “Ismael”, nesse contexto, pois sou, para eles, *cupen*. Já na cidade de Itacajá, que dista 6 km da aldeia Manoel Alves, era muito comum as pessoas se referirem a ele como “Ismael”. Todos os indivíduos Krahôs têm em seu registro de identidade (RG) o término Krahô, marcando a identidade étnica ao qual pertencem. Este modo de identificar os Krahôs, além de unir e criar um elo familiar entre a população Krahô frente à população sertaneja e “branca”, que vive a sua volta, delimita a sua diferença étnica frente à cultura “civilizada” dos habitantes de Itacajá. Outro efeito da designação Krahô no nome civil é delimitar sua identidade étnica, no âmbito das populações

índigenas brasileiras. Certamente, esta terminação cumpre uma necessidade burocrática, também, facilitando a regulamentação e o controle da movimentação indígena pelos órgãos públicos, como FUNAI, FUNASA, e políticos, como a Prefeitura, o Estado e o Governo Federal.

Aproveitando que estamos conhecendo Ahprac, o sujeito principal desta pesquisa, pelo seu nome civil, vamos definir e situar melhor o lugar e a etnia contida na terminação Krahô. Os índios Krahôs habitam um território chamado Kraolândia, que se situa entre os municípios de Itacajá e Goiatins, e entre os rios Manoel Alves Pequeno e Vermelho, no nordeste de Tocantins. Em termos de extensão, trata-se de quase 3.200 quilômetros quadrados, cujo uso e gozo lhes foi concedido, em 1944, pelo Estado de Goiás, por pressão do Governo Federal, após o massacre de índios Krahôs, empreendido por fazendeiros locais no início da década de quarenta. Na época, o que hoje chamamos de Tocantins, era considerado Goiás. Os Krahôs pertencem à tribo Timbira, que também inclui os Ramkokamekrá, os Apaniekrá, os Krikati, os Pikobyê, todos do Maranhão, os Gaviões (no Pará) e os Apinajé (Tocantins). O antropólogo Julio Cezar Melatti relata que há semelhanças culturais entre essas tribos Timbira e que falam línguas muito semelhantes, mas ressalva que os Apinajé, a única que está a oeste do Tocantins, é a que mais se difere delas, razão pela qual são também classificadas como Timbiras Ocidentais, em contraposição a todas as demais, consideradas Timbira Orientais. De modo que podemos reconhecer Ahprac como um Timbira Oriental, assim como todos os indivíduos Krahôs.

Os índios Timbira são parte da família linguística Jê, assim como os Kayapó, os Suyá (Mato Grosso), os Akuen – Xavante (Mato Grosso) e Xerente (Tocantins), os Kaingang (São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul) e os Xokleng (Santa Catarina). Estes índios da família linguística Jê, por sua vez, são parte do tronco linguístico Macro-Jê, junto com os Bororo (Mato Grosso), os Karajá (Goiás), os Maxakali (Minas Gerais) e os Fulniô (Pernambuco). É provável que, tanto dentro da família Jê como do tronco Macro-Jê, existissem muitas línguas hoje extintas. Durante a minha estadia na aldeia Manoel Alves, observei que apenas se

comunicavam entre si em sua própria língua, o uso do português sendo feito apenas para se comunicarem com *cupens*, como eu. Certamente, este é outro sinal de resistência cultural dos Krahôs, o que, por outro lado, impede o aperfeiçoamento da língua portuguesa. A barreira cultural da língua é um dos lugares que expressam a tensão entre a resistência e a integração à sociedade branca. Para o indigenista Fernando Schiavini (2006, p.110), o povo Krahô, tradicionalmente semi-nômade, caçador e coletor, está hoje confinado a uma área fixa de terras demarcadas pelo governo, vivendo sob um longo processo de adaptação compulsória à vida gregária, de criador e agricultor. Schiavini conviveu lado a lado com a dificuldade de integração dos Krahôs, apontando para a necessidade destes absorverem mecanismos básicos do capitalismo, sem os quais ficariam à mercê de tutores, bonzinhos ou perversos, além de manipuladores e aproveitadores. Na década de 1970, teve uma oportunidade de colaborar num projeto de autogestão de recursos do Governo Federal, destinados às aldeias Krahôs, e observou “as diferenças fundamentais entre uma sociedade tribal, ágrafa, de raízes semi-nômades, fechada, solidária, onde não existe a propriedade privada, e uma sociedade geral, gregária, aberta, individualista, capitalista e acumuladora.” (SCHIAVINI, 2006, p.114)

Segundo dados da FUNAI, o território indígena Krahô é povoado hoje por aproximadamente duas mil e quinhentas pessoas, distribuídas em vinte e oito aldeias, entre os quais Santa Cruz, Cachoeira, Mangabeira, Rio Vermelho, Aldeia Nova, Manoel Alves, Pedra Branca, Galheiro, Forno Velho, sendo que a mais povoada delas é Pedra Branca, com aproximadamente quatrocentas pessoas e, a menor, possuindo em torno de dez pessoas, como as aldeias Bacuri e São Vidal. Ahprac mora atualmente na aldeia Manoel Alves Pequeno, onde fiquei durante as três semanas da minha visita. Segundo os dados desta aldeia, que me foram fornecidos pela técnica do Posto de saúde da FUNASA, havia naquela ocasião em torno de 40 casas, povoadas por aproximadamente duzentas e setenta pessoas. Comparada com outras aldeias, Manoel Alves pode ser considerada com uma população acima da média, mas é relativamente nova. Na ocasião da minha visita, segundo o cacique Dodani, os

fundadores de Manoel Alves, entre os quais estão Antônio, o pai da esposa de Ahprac, e Secundo, pai do cacique Dodani, saíram de Pedra Branca e se instalaram num lugar próximo da área atual, em 1983, mudando-se para o lugar atual, em 1984, mas a data oficial de fundação da aldeia com o nome Manoel Alves deu-se apenas em 1985. Tendo, portanto, em torno de vinte e cinco anos, sendo bem mais jovem que Ahprac, que tem mais de sessenta, e, até chegar nesta aldeia, havia morado em três outras: Galheiro, onde provavelmente nasceu, Pedra Branca, onde se casou e Forno Velho, onde viveu em diferentes fases da vida. A aldeia ganhou este nome devido ao rio Manoel Alves Pequeno, que fica próximo, confirmando um costume Krahô de nomear as aldeias tomando como referência as características do local em que estão edificadas. Mellatti (1978, p.27) acrescenta que também é comum a aldeia carregar o nome que recebeu onde foi originalmente edificada, em casos de deslocamento, de modo que às vezes uma aldeia possui mais de um nome, como as pessoas.

E quem é Ahprac Ahkôhxtet Hôkwacaprêc Hôrcuxy?

Agora vamos nos reportar um pouco sobre o outro nome ou nomes de Ahprac, seu nome mehin, para compreender mais a lógica nominal Krahô. Inclusive porque podemos considerar o nome e a nomenclatura como um dos aspectos mais importantes das tradições dos Krahôs, pois se dá de forma extremamente particular, obedece regras precisas, define relações sociais e me parece ser uma das instituições que mais resistem ao desaparecimento. Para o indigenista Schiavini que convive há mais de três décadas com os Krahôs, o nome é o maior legado que a pessoa possui:

Tradicionalmente, quando uma pessoa transmite um de seus nomes a uma criança, geralmente seu sobrinho ou sobrinha, está passando toda a tradição de inúmeras gerações, além das funções rituais que ele exerce na sociedade. Como os Krahôs não acumulam bens, o nome é o maior patrimônio que a pessoa possui e deve tentar enriquecer durante sua vida. (SCHIAVINI, 2006, p. 111)



Ahprac, como bom conhecedor de sua cultura, buscou dar valor ao seu nome. Seu nome mehin completo é Ahprac Ahkôhxet Hôkwacaprêc Hôrcuxy. Isto é, este é o seu nome na língua e cultura Krahô, sendo normal que cada indivíduo Krahô tenha vários nomes, ou que o nome de cada pessoa seja constituído de várias palavras, fui informado de que há pessoas que têm até 7 nomes, embora apenas se use um dos nomes para se referir a um indivíduo, no dia a dia. O que precisamos entender é que ele é possuidor desses nomes, pois os recebeu de seu tio Pedro Pereira. Este nome pode ser entendido como um presente, este presente é uma herança transmitida pelo seu tio. Assim, Ahprac herdou o nome do tio, que ainda está vivo e a quem trata como seu *kuetti*, uma espécie de padrinho. Apesar de Ahprac possuir quatro nomes, as pessoas da aldeia apenas o chamam pelo nome Ahprac. De acordo com Melatti (1978, p.61), que realizou diversas visitas de campo, entre 1962 e 1971, no território indígena Krahô, quando há outro portador de mesmo nome, convivendo na aldeia, eles distinguem cada um, que é chamado por uma das palavras componentes do seu nome. De fato, o *kuetti* de Ahprac, ou seja, aquele que deu nome a ele, habita a aldeia, e portanto, possui o mesmo nome ou série de nomes, mas seu nome usual é Hôrcuxy. O nome composto com o nome *cupen* do *kuetti* de Ahprac é Pedro Pereira Hôrcuxy Krahô.

Quero chamar a atenção que tio e tia é uma categoria nossa que identifica quem é irmão do nosso pai e mãe, mas *kuetti* não é uma tradução da palavra tio. Entre as regras de nominação da cultura Krahô, os indivíduos do sexo masculino devem receber seu nome pessoal de um parente a quem devem chamar pelo termo *kuetti*, embora, de todos os *kuetti*, o transmissor mais provável é um dos irmãos da mãe. Já os indivíduos do sexo feminino devem receber seu nome de uma parenta, a quem chamam de *tyj*, de entre todas as *tyj*, a transmissora mais provável é a irmã do pai. Assim, é preciso estar atento para o fato de que, diferentemente da nossa cultura cristã, os nomes que cada indivíduo Krahô recebe não registram, na maioria das vezes - podendo evidentemente haver exceções - a ligação biológica com seus genitores, nem a mãe, nem o pai. Dito isto, faz-se necessário acrescentar que não é qualquer nome que o *kuetti* queira oferecer

que o recém-nascido recebe, mas apenas o que lhe pertence, ou seja, o seu. O *kuetti* ou a *tyj*, ao batizar o novo indivíduo, transmite-lhe seu próprio nome pessoal, inaugurando um laço que os une, em diversos lugares e sentidos rituais, sociais e afetivos. Enquanto o novo indivíduo deve se relacionar com quem lhe deu o nome, como *kuetti*, o *kuetti* deve se referir a ele como *inpantu*.

Melatti anotou que, no passado, uma das ações dos *kuetti* era, de tempos em tempos, presentear o *inpantu* com um arco e um maço de flechas enquanto cabia à *tyj* dar à sua *inpantu*, na época da sua puberdade, um cinto especial feito com muitas voltas de fio de tucum. Sobre as flechas, posso confirmar que em meu ritual de batizado, que discorrerei em outro momento, de fato, aquele que é considerado meu *kuetti*, Juarez Hapyhi, irmão da esposa de Ahprac, me deu um arco e duas flechas. Entre as diversas relações sociais que o indivíduo herda então: passar a pertencer a uma das metades do par Wakm□ye/Katamyê; herdar os mesmos amigos formais e de seu nominador; com exceção dos seus parentes mais próximos, passar a chamar os demais pelos mesmos termos que lhe aplica seu nominador; determinados nomes pessoais têm o privilégio de desempenhar o papel ritual(ou papéis) que a eles está associados; se é nome do sexo masculino, dá-lhe o direito de pertencer a um dos grupos das metades do par Khöirumpekë/Harârumpekëtxe (MELATTI, 1978, p. 60). As relações entre o *kuetti* e o *inpantu* parecem ser principalmente rituais. Segundo Melatti, são muitas vezes vistos juntos, desempenhando os mesmos papéis. Mas me parece que algumas práticas estão se afrouxando, com a erosão cultural em processo, pois, durante a minha estadia na aldeia, entre abril e maio de 2011, Ahprac mencionou diversas vezes como o futebol, a TV e a música das rádios vêm atraindo as gerações mais jovens, irresistivelmente. De modo que ele mesmo tem pouca oportunidade de transmitir os modos, o corpo, movimentos e outras funções prescritas para serem desempenhadas pelos hotxuás, uma das atribuições do nome de Ahprac, além de seu pertencimento à metade dos Katamyê, cujos significados falaremos adiante.

De fato, durante a minha estadia, a maioria dos jovens em torno dos vinte anos jogava bola, regularmente, às tardes. Os mesmos organizaram

o time Manoel Alves que representa a aldeia no campeonato com os times dos brancos, em Itacajá. Quase todas as noites, na aldeia, também há uma sessão de DVD, assistida por uma plateia de todas as faixas etárias, mas principalmente pelas crianças, e que ocorre no momento em que se liga o gerador de energia, em função das aulas noturnas dadas na escola. A maioria das vezes que observei estava sendo exibido um DVD de bandas de forró comerciais. Havia, na ocasião da minha visita, diversos *mehin* portadores de rádios, ipods e celulares, o que fundamenta a observação de Ahprac, que aponta a cultura de massa e as tecnologias de comunicação dos *cupen* como fatores que vêm provocando o afrouxamento da ligação das tradições Krahô com as novas gerações e a conseqüente degeneração dos seus valores étnicos. Em suma, um cenário de erosão cultural acirrado pela proximidade geográfica do município de Itacajá, que dista apenas 6 km da aldeia, permitindo um intenso influxo de bens de consumo adquiridos nos supermercados locais, além da convivência cotidiana com a cultura dos *cupen*.

Apesar do processo de erosão cultural em curso, observei a presença de um estilo de vida e um modo de ser próprios, com a permanência de tradições rituais e a resistência de valores étnicos da cultura Krahô. Entre as instituições, práticas e tradições que mantêm vivas, que pude observar durante a minha visita, e que foram registrados por Melatti, em seu livro sobre ritos timbira, testemunhei a corrida de toras, dentro e fora de contextos rituais (mesmo que os mais velhos reclamassem que no passado os jovens corriam com uma frequência bem maior do que hoje); ritos fúnebres; a reunião rotineira no pátio (*kê*), no centro da aldeia, feita pelos homens; cantorias rituais e não rituais noturnas; o *witî* (MELATTI, 1978, p. 302); a divisão dos grupos rituais em metades sazonais, as metades Wakmêye e Katamyé. Ahprac explicou-me que, como estava na estação do inverno, era a metade Katamyé que tinha a responsabilidade de organizar as arrumações, administrar e tomar a frente nas decisões das tarefas e atividades coletivas do dia. Em relação a essa responsabilidade, sou testemunha ocular da iniciativa, presença e participação de Ahprac nas famosas reuniões matinais no pátio. Primeiramente, preciso esclarecer que,

para os Krahôs, o inverno está associado à época da chuva, que lá ocorre entre outubro e abril/maio, e o inverno à estação seca, que se dá entre maio e setembro/outubro. Ou seja, não corresponde a como nós definimos verão e inverno. Outra característica, que me foi informada sobre a pintura corporal dessas metades, é que os Katamyé usam traços horizontais e, os Wakmêye, verticais. De fato, no ritual de batizado em que recebi o nome Ihkrery, que está ligado à metade Katamyé, fui pintado com traços horizontais.

Outras duas características relatadas por Melatti (1978, p.81), mas que não foram evidenciadas, foi que os Wakmêye estão associados ao centro da aldeia, enquanto os Katamyé à periferia. Ainda os gritos dos Wakmêye, ouvidos na estação seca, são associados à rolinha, enquanto os dos Katamyé, ouvidos na estação chuvosa, seriam uma imitação humana do som produzido pelo gavião, que costuma gritar antes do sol nascer. Nas reuniões que ocorrem no pátio (*kê*), que fica no centro da aldeia, os Wakmêye devem ficar no leste, enquanto os Katamyé no oeste. Os animais ligados à vida noturna, o elemento água e a noite estão ligados aos Katamyé, enquanto os animais ligados à vida diurna, à estação seca e ao dia, estão ligados aos Wakmêye. Apesar de Melatti dizer que eram escolhidos dois “prefeitos”, “governadores” ou “capitães”, da metade correspondente à estação, não me recordo de terem usado este termo em nenhum momento. Cabe assinalar que as atribuições administrativas, assumidas pelos líderes de cada metade, não interferem na atuação do cacique, tendo mais um caráter ritual e administrativo do que político.

Além do nome de Ahprac estar associado ao Katamyé e aos hotxuás, a palavra Ahprac em si guarda significados interessantes. A maioria dos nomes ou palavras que compõem os nomes tem significados diversos. Encontrei três associações à palavra Ahprac: duas pessoas, uma viagem em que vão junto. Também ouvi a interpretação de que quer dizer “seu prato”, pois *ah* é seu e *prac* é prato.

No começo desse texto argumentei que os Krahôs convivem com uma duplicidade nominal, e que eram portadores de um nome civil e outro étnico. Sem desfazer esta descrição, gostaria apenas de desdobrar uma conseqüência, que poderia passar despercebida. A nomenclatura civil acaba



ganhando referencial multiétnico ou pluriétnico, pois, além da ligação ou cruzamento que o prenome geralmente confere, por meio de uma relação de apadrinhamento com um membro branco do dito mundo civilizado, a palavra do meio do nome conserva o principal nome usado pelo indivíduo, na sua própria aldeia, e o terceiro nome define a sua filiação étnica, estabelecendo uma diferença com as outras etnias indígenas. Assim, o nome civil Ismael Ahprac Krahô informa e posiciona três relações distintas: Ismael, o prenome que sinaliza a sua ligação de apadrinhamento com o mundo *cupen*, o segundo, Ahprac, sendo o nome principal através do qual ele é reconhecido em sua aldeia, e, o terceiro, Krahô, identifica o grupo étnico ao qual pertence, de modo a delimitar a sua diferença no âmbito das populações indígenas no Brasil. Foi pelo caráter ambivalente e liminar, por conter e informar uma rede de relações maior, que escolhi usar seu nome civil no título deste artigo.

Mas os significados da herança cultural do seu nome *mehin* denotam outros aspectos que marcaram profunda e singularmente a sua personalidade. Seu nome o direcionou a atuar e assumir uma série de papéis, lógicas e pertencimentos a grupos rituais. Melatti, referindo-se ao nome *mehin* que cada indivíduo recebe, chega ao ponto de concluir que para os Krahôs o nome é como um personagem:

Por conseguinte, se o indivíduo recebe seu corpo de seus genitores e a eles continua ligado durante toda a vida por certos laços “biológicos” muito especiais concebidos pelos Krahôs, por outro lado o nome que recebe o faz encarnar um personagem uma vez que o nome o liga a certas metades e grupos rituais, a certos papéis rituais específicos, e lhe transmite certas relações de parentesco. Pode-se dizer que o indivíduo recebe, com o nome, muitas, mas não todas, relações sociais. O nome é como um personagem que, através dos tempos, vem sendo encarnado por atores diversos. (MELATTI, 1978, p. 63)

Gostaria de refutar, discutir, contribuir ou desenvolver esta conclusão, mesmo porque o próprio Melatti escreveu isso na década de setenta e provavelmente já tenha amadurecido seu ponto de vista sobre este aspecto. Eu adicionaria que, além do nome ser como um personagem, que vem sen-

do encarnado, por diferentes atores, ao longo do tempo, que, a partir desta definição ritual, com o nome se está exercitando a construção da pessoa de cada um. O princípio da lógica de seguir um personagem, em vez de ser visto como finalidade, serve para acionar possibilidades e oportunidades de cada indivíduo encontrar, descobrir, adicionar, viver e criar novos valores para seu nome, perpetuando uma atualização contínua e única. Trata-se de um dispositivo de geração de oportunidades de experiências únicas, novas, sem perder a oportunidade de homenagear quem já deu valor a esse nome, no passado. Entre os papéis de cada indivíduo, há os herdados via nomeação, mas a sua validade, seu valor individual, deve ser conquistado por cada pessoa-ator, ao longo de sua vida.

Entre os papéis herdados, é desejável perceber diferenças no modo como cada indivíduo se apropria destas heranças culturais e aproveita as oportunidades rituais e festivas que se lhes apresentam. Em outras palavras, uma coisa é receber o papel de Macbeth ou Hamlet, porque recebeu a oportunidade de fazer este papel, outra, é como cada ator aproveitou esta oportunidade, de fato, individualmente. No caso dos Krahôs, trata-se de papéis que farão ao longo de toda a vida, como era comum, por exemplo, aos atores da *Commedia Dell Arte*, que faziam o papel de um personagem, ao longo da vida toda. Mas, no caso dos Krahôs, sabemos que não se tratam de papéis teatrais, em situações dramáticas, mas sim rituais, onde o elemento do jogo tem uma presença preponderante, mas também o afeto com os mortos, iniciações, relações de parentesco e celebrações ao ciclo de vida. O fator mais diferente é, que seu nome e os papéis rituais implícitos nele são definidos na ocasião do nascimento, isto é, você é definido para ser Hamlet ou Arlequim, ao nascer.

Chefe de família

Entre os valores que Ahprac herdou estão seus quatro nomes, com seus respectivos sentidos e suas associações a Pedro Pereira, a hotxuá e a Katemeye. Entre os valores que ele investiu em seu nome, ao longo de sua vida, estão os de chefe de família, pai, avó, bisavó e sogro, que coordena as atividades da família elementar e do grupo domés-

tico. Como provedor, na ocasião da minha estadia, usava seus recursos de plantio e de sua aposentadoria de um salário mínimo para ajudar no sustento das 20 pessoas que conviviam em sua oca, e não apenas a sua família elementar. Claro que suas filhas e genros também colaboravam com suas bolsas família e Alex, com seu salário mínimo, sempre atrasado, de vigia da escola. Na família de Ahprac, pude observar uma organização familiar que seguia as características descritas por Melatti. Havia três unidades, a família elementar, o grupo doméstico e o segmento residencial. A família elementar de Ahprac convivía com as novas famílias constituídas por suas filhas Raimunda com Alex e suas 6 filhas e Maria Helena e Antônio com as quatro filhas, todos compondo assim um grupo doméstico. Então, a família elementar de Ahprac coabitava com as famílias elementares de suas filhas. O segmento residencial seguia a regra uxorilocal pela qual cada casa é ocupada por várias famílias elementares, cujas mulheres são aparentadas entre si por linha feminina (MELATTI, 1978, p. 52). De cada lado da oca de Ahprac havia construções inacabadas onde serão feitas as futuras casas de Raimunda e Maria Helena. O fato de sua filha Carmelita, já com 8 filhos, não morar numa casa contígua, confessou-me Ahprac, era contra a sua vontade, mas acabou sendo uma decisão do marido de Carmelita, ligado a algum desentendimento do passado, mas notei que, se dependesse de Ahprac, ela moraria numa casa contígua, e que o mesmo compensa, essa ausência de convivência cotidiana, visitando, com uma frequência muito maior a que visita a família de seus filhos que também moram na aldeia. Além de manter roças contíguas com a família de Carmelita e com seu próprio grupo doméstico.

Vamos descortinar melhor Ahprac, o chefe de família. Descreverei, a seguir, a família sanguínea gerada por Ismael Ahprac e Maria Rosa Amxôkwj até hoje, alguns dos quais convivi diariamente, ao longo de quatro semanas. Moravam sobre o mesmo teto da oca de Ahprac, na ocasião em que cheguei, com quatro filhos, o caçula Samuel Ihkrery, Sandra Crakwyj, Maria Helena Paxen e Raimunda Pànpry, e dois genros, Alex Tuncô e Antônio Kenjawen, irmãos entre si e maridos, respectivamente, de Raimunda e Maria Helena, e, finalmente, o time de dez netas, filhas destes dois casais. Em ordem

decrecente, do mais velho ao mais novo, Ahprac e Amxôkwj tiveram os seguintes dez filhos: Edwalter Paaty, que no momento de minha visita morava na aldeia Forno Velho, Carmelita Cuupên, Maria Helena Paxen, Ovídio Kônry, Raimunda Pànpry, João Lucas Cahhi, que morava na aldeia Mangabeira, André Còhtat, Marcelo Xooco, Sandra Crakwyj e, finalmente, Samuel Ihkrery.

Agora vamos para os filhos de seus filhos, seus netos. Edwalter Paaty teve, com Iracy Kopkwj, três filhos: Edileusa Hapxêtep, Aline Krytkwyj e Anjo Patpro. Carmelita Cuupên teve, com Paulo, oito filhos: Magayve Xôhxô, Meiredalva Còhhôc, Mario Ahkôhxê, Marcos Roreho, Zacarias Rêj, Paulo Cômca, Davi Crato e Filomeno Tuhhoc. O Ovídio Kônry teve, com a primeira esposa, Celia Crukrekwj, três filhos: Marcela Pahnajet, Mariana Pakrat e Mira Cuupn. E, com a atual esposa, Edileusa Pytkwyj, teve: Eliana Amxôkwj e Odaí Tôhtôt. Maria Helena Paxen teve, com Antônio Kenjawen, quatro filhas: Marcia Kràjarê, Marciana Wôpry, Milena Warhap e Jucicleia Wetrê. Raimunda Pànpry teve, com Alex Tuncô, seis filhas: Helena Ahkràhkwyj, Raiana Kràncrê, Priscila Pryhcaprê, Débora Ràmkwj, Marli Xômcuca e Cíntia Krôpykwj. O restante dos filhos ainda não teve filhos, mas Ahprac já tem bisnetos, pois alguns de seus netos já são pais.

A filha de Edwalter, Edileusa, teve Catyc e Paaty (na ocasião os parentes moradores de Manoel Alves não lembravam o primeiro nome) e sua outra filha, Aline, teve Kexy. Dois netos de Ahprac, que moravam na aldeia Manoel Alves, também já deram, cada um, um bisneto a ele, Magayve teve Isabele Wôpâr e Meiredalva teve Danilo Ihtot. De modo que, se o registro do meu diário de campo estiver correto (houve certa incerteza se Edwalter tinha três ou quatro filhos), na contagem total, Ahprac e Maria Rosa são genitores e progenitores de 41 indivíduos, 10 filhos, 26 netos e 5 bisnetos. Se considerarmos que, destes, apenas o João Lucas Cahhi, Edwalter e os membros da sua família, seus três filhos e três netos, moravam fora da aldeia Manoela Alves, subtraindo dos 41, estes 8, temos 33 indivíduos de parentesco consanguíneo ligados ao núcleo formado por Ahprac e Maria Rosa. Se aceitarmos os dados fornecidos pela técnica do posto local, de aproximadamente 270 indivíduos habitan-



do Manoel Alves, na ocasião de minha visita, temos que a família consanguínea gerada diretamente por Ahprac representa um pouco mais de 12% destes indivíduos. Ou seja, 12% da população da aldeia são diretamente ligados à sua família.

REFERÊNCIAS

- CUNHA, Manuela Carneiro da. *Os mortos e os outros: uma análise do sistema funerário e da noção de pessoa entre os índios Krahó*. São Paulo: Hucitec, 1978. 162 p. (Apresentado originalmente como Tese de Doutorado, 1975, IFCH/Unicamp).
- MELATTI, Julio Cezar. *Ritos de uma tribo Timbira*. São Paulo: Ática, 1978.
- SCHIAVINI, Fernando. *De longe toda serra é azul – histórias de um indigenista*, Brasília DF: Criativa Gráfica e Editora Ltda, 2006.
- _____. *Diário de Campo*, Goiânia: Kelps, 2009.